

**Padre Manuel Bárbara**

# BREVE MEMÓRIA



**de Dom Marcelino  
António Maria Franco**

**O Bispo Humilde  
Místico  
Sacrificado**

**(No Centenário do seu Nascimento)**

Separata do «CORREIO DO SUL»



Casa da Cultura António Bentes

2-2 S. Brás de Alportel

Biblioteca

Livro n.º 189

Cosa n.º

25

4



## À maneira de prólogo

**A**S palavras, que vão ler-se, tão singelas e tão simples, foram escritas e destinadas apenas a modesto artigo no jornal «Correio do Sul», acerca do saudoso bispo algarvio, Senhor Dom Marcelino António Maria Franco, cujo centenário do nascimento ocorre no dia 17 de Abril do corrente ano.

Mas, porque excederam um pouco os limites permitidos a um jornal de província com o formato do «Correio do Sul», resolveu o seu ilustre director mandá-las publicar em vários números, fazendo delas uma separata, a que se deu o título de Breve Memória de D. Marcelino Franco, o Bispo

HUMILDE

MÍSTICO

SACRIFICADO

Têm apenas uma pretensão: desfolhar uma pétala de saudade à memória daquele «santo» bispo, render-lhe a mais profunda homenagem do nosso agradecimento e exaltar as suas virtudes e méritos naquelas três facetas da sua vida, agora que o Algarve, com a Câmara Municipal de Tavira à frente, lhe erigiu um Monumento na sua cidade natal.

O Autor



~~seu tio ou, pelo menos, seu primo~~, foi este o apelido que o jovem Marcelino recebeu, Marcelino António Maria Franco, de seu nome completo. Franco era, aliás, o apelido que andava na família de sua avó materna e todos os irmãos de D. Marcelino o usaram também. O Prior que o baptizou chamava-se Francisco José Ferro e era natural de Olhão.

Depois dos primeiros estudos na sua terra natal, durante os quais revelou sempre uma inteligência lúcida e precoce, animado de uma forte vontade de se valorizar pessoalmente na sua formação literária, religiosa e moral, acedendo ao desejo de seus pais, aceitou o convite do P.<sup>o</sup> Venceslau Ferro, então prior de Alcoutim, e mais tarde membro ilustre dos Padres da Missão, para os ir continuar junto desse sacerdote piedoso e culto, seu conterrâneo e parente.

Nesse ambiente austero, onde o estudo caminhava de mãos dadas com a oração, aliás, já vivido plenamente na casa paterna, não foi difícil ao jovem Marcelino ouvir a voz de Deus e logo no princípio do ano lectivo de 1884, dava entrada no Seminário Episcopal de S. José de Faro, para seguir a carreira eclesiástica.

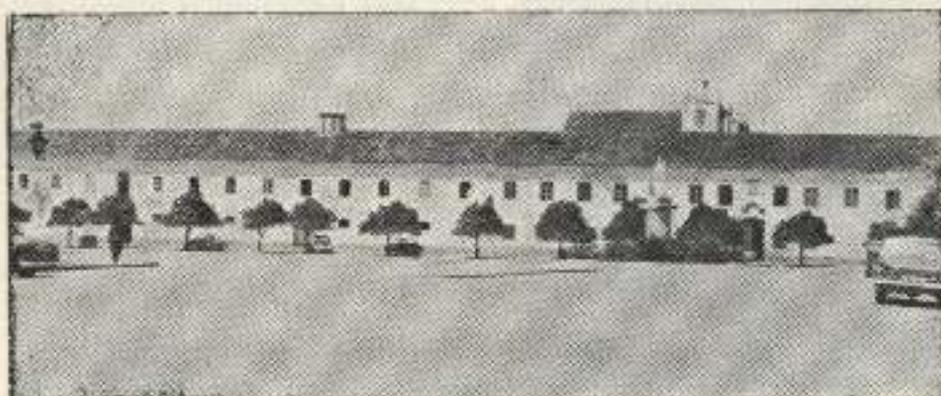
## ● II — O Seminarista

Com que alvoroço e santa alegria ele pisou, pela primeira vez, o portal desse Seminário que, 27 anos depois, seria violentamente arrebatado à posse da Igreja pelos homens da República demagógica, então triunfante!

Era já seu vice-reitor, quando o emissário do Governo lhe foi pedir, em nome da lei, as chaves do Paço Episcopal e dessa benemérita casa de formação eclesiástica, por onde passaram tantas gerações de jovens, muitos deles filhos das principais famílias do Algarve e que foram mais tarde figuras proeminentes na vida nacional. Não acedeu voluntariamente à imposição dessa lei injusta (porquanto tanto o Paço como o Seminário eram propriedades privadas, que pagavam imposto ao Estado), e foi preciso que o dito emissário lhas arrancasse das mãos, não sem os seus mais veementes protestos e sem a apresentação dos títulos de posse, que então lhe mostrou!...

O seu *curriculum vitae* revela sobejamente a forte e inconfundível personalidade desse jovem seminarista que, logo de entrada, conquistou a amizade e simpatia de superiores e colegas, para concitar, depois, a admiração e o respeito dos mesmos pelo seu porte exemplar, amor ao estudo, à oração e à disciplina.

Aluno distinto em quase todas as disciplinas de preparatórios, obteve as mais altas classificações em todo o curso teológico, que concluiu em 1891.



*Seminário de S. José de Faro*

Este edifício começou a ser construído, a partir do ano de 1787, pelo piedoso e culto Bispo da Diocese, D. José Maria de Melo, da Congregação do Oratório e, pouco tempo depois, nomeado confessor da Rainha D. Maria I.

Pode afirmar-se que toda a sua construção, além dos fundamentos, se deve a esse grande homem de omnimoda actividade, verdadeiro mecenas, que foi D. Francisco Gomes do Avelar, seu sucessor, que teve a glória de o inaugurar solenemente em 1807.

Mas este estudante, de raras qualidades intelectuais e de peregrinas virtudes, permaneceu sempre humilde e modesto, em nada procurando salientar-se dos seus companheiros que, por isso mesmo, tanto o admiravam. Era de trato lhano e simples, a todos cativando pela sua presença insinuante e pelas maneiras fidalgas com que os acolhia. Esta característica, que manteve sempre durante

a sua vida e que fôra a consequência lógica de uma esmerada educação familiar, revelou-se ainda mais pelo con-



*O Padre Franco*

tacto diário que teve com essas duas grandes figuras do Episcopado Português, que foram os senhores D. António Mendes Belo, mais tarde Cardeal Patriarca de Lisboa e D. António Barbosa Leão, transferido, 11 anos depois, para o diocese do Porto.

Mal concluiu o curso, foi logo nomeado prefeito do Seminário, cargo que exerceu durante 8 anos, sendo ao mesmo tempo nomeado professor de várias disciplinas do curso de preparatórios.

### ● III — O Sacerdote

Em 12 de Novembro de 1893, recebia das mãos de D. António Mendes Belo, que presidiu aos destinos da dio-

cese durante 23 anos e de quem já tinha recebido o sacramento do crisma, a sagrada ordem de presbítero. Em 26 do mesmo mês, cantava missa nova na bela e artística igreja da Venerável Ordem de Nossa Senhora do Monte do Carmo, da sua querida cidade natal.

Pela vida fora, alimentou sempre uma profunda e sincera estima pela sua terra. Ali se deslocava com frequência para visitar pessoas de família e amigos e para presidir às principais solenidades religiosas.

Em Janeiro de 1894 é nomeado professor de literatura e de história da literatura, disciplinas que regeu sempre com proficiência e vastos conhecimentos, mesmo depois de ser Bispo. Em 1899 é nomeado professor de teologia.

Por decreto de 1897 foi apresentado pároco de Odeáxere, do concelho de Lagos, tendo recebido a colação no dia 23 de Outubro e tomou posse no dia 21 de Novembro do mesmo ano, não chegando, porém, a residir no benefício por ter sido dispensado. Em 1900 era nomeado, tam-

bém por decreto, escrivão da Câmara Eclesiástica, de cujo officio tomou posse em 13 de Agosto de 1901.

Desempenhou-se de tal forma deste cargo, que esta repartição eclesiástica foi considerada como uma das mais completas e perfeitas dessa época, servindo até de modelo para algumas de categoria superior.

De 1905 a 1914, esteve à frente do Seminário, na qualidade de seu vice-reitor. Em 1908 era nomeado cônego honorário, passando a capitular em 13 de Agosto de 1915. Em 1 de Setembro de 1919, por motivo da transferência de D. António Barbosa Leão para o Porto, é escolhido para Vigário Capitular, cargo que exerceu até ser nomeado bispo da diocese, em 15 de Maio de 1920.

Cooperando íntima e activamente com os dois prelados, seus predecessores, no Governo da diocese, com eles compartilhou das alegrias e, sobretudo, das lutas e sofrimentos por que passou a Igreja de então.

Contribuiu imenso para o revigoramento da vida religiosa da diocese, a cujas obras de apostolado esteve tão ligado, que a muitas delas presidiu. Foi director da Congregação das Filhas de Maria e da Liga da Acção Social Cristã, precursora da Acção Católica.

Em 1916, por ocasião do 1.º Centenário de D. Francisco Gomes do Avelar, foi um dos principais organizadores do Congresso das Obras Católicas do Algarve, que então se realizou em Faro, nos dias 8, 9, 10 e 11 de Fevereiro, juntamente com a festa de Nossa Senhora de Lurdes.

O que foi esse Congresso, pôde afirmá-lo um sacerdote estranho à diocese, nestes termos: «Terminaram os trabalhos do Congresso... O que foram esses trabalhos? Uma maravilha. O que representam eles? Um successo sem par na história contemporânea da Igreja».

Na carta que, depois, dirigiu ao arcediogo da Sé, Cônego Manuel Alexandre da Silva, para agradecer e colaboração prestada por sacerdotes e leigos na organização do mesmo, afirmava o Senhor D. António Barbosa Leão: «Razões de sobra tenho para me congratular e agradecer na pessoa de V.ª Rev.ª a todo o clero os óptimos serviços prestados com tanta dedicação para a realização do Congresso, sendo do meu dever especializar o Rev.ª Cônego

Marcelino António Maria Franco, a quem sem sombra de favor, posso chamar o *meu braço direito*».

De parceria com o culto reitor do Liceu de Faro, Dr. Ernesto Adolfo Teixeira Guedes, organizou um número único, opúsculo inteiramente dedicado ao centenário de D. Francisco Gomes do Avelar e que teve a excelente colaboração de distintos escritores algarvios, e alguns de fora, como: D. José Sebastião Neto, Cardeal Patriarca, resignatário de Lisboa, ilustre e piedoso algarvio; D. António Mendes Belo, D. Augusto Eduardo Nunes, Arcebispo de Évora; D. António Barbosa Leão, Dr. Rodrigues Davim com 2 sonetos primorosos, Coronel de Engenharia Ascensão Guimarães, Dr. Bernardino Barbosa, Tenente-Coronel Teixeira Botelho, Comendador Ferreira Neto, pintor Lyster Franco, Dr. Bentes Castel-Branco, Eng.º Manuel Roldan e Dr. Teixeira Guedes e, depois, orientou a publicação das memórias do Congresso, em livro de 150 páginas, com os discursos pronunciados, os relatórios, etc..

Na «Folha do Domingo», de que foi o primeiro director, como já o tinha sido do Boletim do Algarve, fundado no dia 15 de Janeiro de 1910, com o P.º João dos Santos Silva por redactor, foram aparecendo, saídos da sua pena experimentada e brilhante, admiráveis artigos da mais alta importância e acuidade, como «Reclamação Justa» acerca da assistência religiosa aos nossos militares em campanha, para a qual se pedia a nomeação de capelães privativos. Da Comissão de Fundos, que então se constituiu, foi nomeado secretário. Percorreu o Algarve na recolha de donativos, os quais atingiram a bonita soma de 873\$910, o que representava bastante para a época.

Noutros artigos, como: As Vocações Sacerdotais, o Futuro da Igreja em Portugal, A Catequese, Santificação do Domingo, o Dever do Eleitorado, o Protestantismo e as suas insinuações caluniosas contra o clero católico, mostrou bem o rigor da sua ortodoxia e a força da sua dialéctica, como o seu zelo acendrado e intransigente defesa dos direitos da Igreja.

Com a expulsão da Diocese de D. António Barbosa Leão, decretada em 6 de Janeiro de 1912 e efectivada em 11 do mesmo mês, durante esses dois anos de amargo exílio, foi ele o timoneiro forte e resolutivo da atormentada barca da Igreja algarbiense, fazendo tudo quando lhe fora

possível para que ela não soçobrasse inglòriamente. À sua inteligência, pertinácia e indefectível amor à Igreja, muito se ficou a dever e, assim, foi possível manter o facho da fé do povo algarvio, até ao regresso do prelado.

Os seminaristas, apavoados com as perseguições feitas ao clero, fugiram quase todos. Aos poucos que ficaram, vieram juntar-se-lhes mais alguns, que o seu zelo apostólico recrutara à última hora. Como não tinha casa própria, mendigou a cedência de algumas dependências em casas alheias até que um generoso sacerdote doou à Diocese, para esse fim, uma casa na Rua do Município, em cujo quintal o sr. D. António Barbosa Leão pôde levantar, com as esmolas dos fiéis e uma pequena participação da Santa Sé, um modesto pavilhão. Foi aí que se formou a maioria dos sacerdotes que trabalham presentemente no Algarve.

Esta sua dedicação, porém, mais provocou ainda a sanha das lojas maçónicas, cujos corifeus não tiveram pejo de conduzir ao cárcere o sacerdote impoluto, crêdor de tantos serviços prestados à Igreja e à Pátria, inclusive na formação da juventude masculina do Algarve para quem fundou o Pensionato Escolar D. Francisco Gomes, de que foi um dos directores, e por onde passaram os filhos das mais distintas famílias algarvias, muitos deles ainda, felizmente, vivos e com larga folha de serviços prestados à Pátria.

Orientou por largos anos, a direcção espiritual do Seminário e foi também director espiritual do asilo do



*D. António Barbosa Leão*

Sagrado Coração de Jesus, prestimosa instituição de ensino e beneficência.

A sua própria mãe, logo que enviuvara, viera para a sua companhia e escolheu-o para seu director espiritual. Na casa, onde residia sua irmã, a dedicada e virtuosa senhora D. Maria Antónia da Conceição Franco, fundou uma escola para crianças, sob a direcção da professora D. Teresa de Jesus Nery Viegas (a Menina Teresinha) que o Governo da Nação condecorou mais tarde com a Comenda da Ordem da Instrução Pública.

Fez parte do Conselho de vigilância da Doutrina Cristã e foi examinador pro-sinodal.

Também as artes gráficas mereceram a sua atenção e já bispo, contribuiu muito para o apetrechamento da «Tipografia União», dotando-a de material moderno, não lhe sendo indiferente a promoção social dos seus empregados, por quem nutria muita estima e amizade.

#### ● IV — Bispo

Nomeado Bispo da Diocese, em 15 de Maio de 1920, pelo Pontífice reinante Bento XV, a sua sagração em 18 de Julho do mesmo ano, constituiu um dos factos sem precedentes na história do bispado.

Foi sagrante o Cardeal Patriarca de Lisboa, D. António Mendes Belo a quem serviu dedicadamente durante os 23 anos em que dirigiu os destinos espirituais da nossa diocese. Foram consagrantes o então bispo de Portalegre, D. Manuel Mendes da Conceição Santos mais tarde Arcebispo metropolitano de Évora, por quem manteve sempre a maior admiração e estima, e o bispo de Viseu, D. António Alves Ferreira, que veio substituir D. António Barbosa Leão, Bispo do Porto e seu antecessor, impossibilitado de comparecer por motivo de doença.

As naves da Sé de Faro foram pequenas para comportar a enorme multidão de pessoas, vindas de todas as terras do Algarve, e de fora. A cerimónia foi imponentíssima. Além dos prelados, estavam presentes todos os sacerdotes algarvios e muitos outros membros do Clero de outras dioceses, incluindo o mestre de cerimónias da Sé de Lisboa, Cónego Eduardo Coelho Ferreira. Presentes também, as mais destacadas figuras da Magistratura e do

Fôro, do Exército e da Marinha, os membros representativos das famílias mais illustres do Distrito, com D. António de Souza Coutinho (Linhares) à frente e que serviu às lavandas. Como presbítero assistente esteve o Cónego Miguel José da Silveira Cunha e Lorena, fidalgo de velha estirpe, e serviram de diáconos do sólio os Cónegos José dos Ramos Bentes e António Baptista Delgado, aquele reitor do Seminário e este pároco de Olhão; a ministro



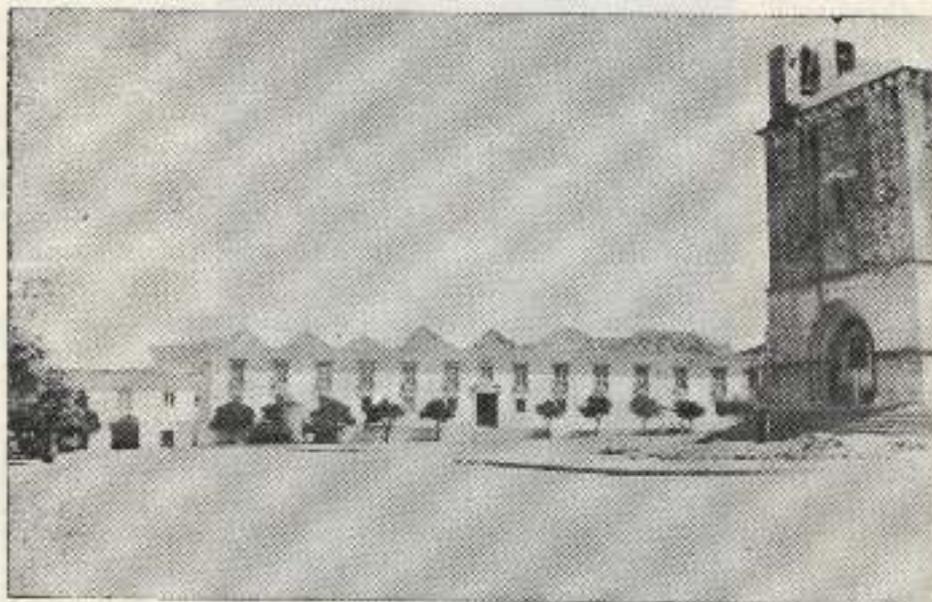
*Sagrado Bispo do Algarve*

do báculo esteve o Prior de Querença, José Pedro Leal; a diácono e subdiácono da missa os priores João de Passos Pinto, de S. Brás de Alportel e João Mendonça, de Silves; de fâmulos os priores Martins Coelho, da Guia e Pedro Coelho, de Cachopo; ao turíbulo o seu conterrâneo António Rodrigues Padinha, prior da Conceição de Tavira; ao livro o prior de Boliqueime, Amadeu Ramos; à candelabro o prior da Luz de Tavira, Francisco Lucas Pacheco ainda vivo; e à mitra o conceituado prior de S. Sebastião de Loulé, P.<sup>o</sup> Calapez.

A Missa, acompanhada a orquestra, foi cantada pelo melhor coral da província.

«Folha do Domingo», órgão officioso da diocese, relatou desenvolvidamente o acontecimento e, acerca da personalidade do novo prelado, vários sacerdotes do Algarve teceram os mais rasgados elogios e fizeram os mais lisonjeiros e justos depoimentos.

Assim, o P.<sup>o</sup> André Lopes Terramoto, de Cacela: «É notória a sua piedade e a sua humildade... e valendo muito intellectualmente, dotado de uma intelligência viva



*O Paço Episcopal de Faro, que o sr. D. Marcelino Franco, durante os seus 35 anos de Prelado, nunca chegou a ocupar*

e pronta, que com facilidade tudo apreende, muito valendo — mas ninguém lhe notou o desejo da evidência, a ostentação, do seu saber».

O P.<sup>o</sup> António Júlio Baptista, de Paderne, que nos baptizou e que era considerado o primeiro orador sagrado do seu tempo: «Um filho ilustre da Província, cheio de serviços à Igreja e à Pátria, vai receber o prêmio das suas virtudes, da sua esclarecida ciência, zelo infatigável e modéstia encantadora».

O Padre Evaristo do Rosário Guerreiro, seu condiscípulo e conterrâneo, porventura um dos sacerdotes mais

cultos do Algarve: «Raras vezes nos é dado admirar num só homem o complexo de qualidades como as que concorrem no Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Sr. D. Marcelino, e que tornam a sua personalidade inconfundível e de notável relevo. Modelo de sacerdote».

P.<sup>o</sup> Francisco Inácio dos Reis, de Olhão: «D. Marcelino foi sempre o que agora é: um carácter diamantino, um coração bondoso, extremamente modesto, lhano e afável no trato... Inteligente, activo e zeloso»!

P.<sup>o</sup> Calapez: «Eis o ilustre ministro do Senhor que, pelos seus elevados dotes de coração e de inteligência, foi julgado apto para suportar o peso da cruz episcopal».

P.<sup>o</sup> Passos Pinto: «Revelou sempre desde o Seminário um espírito superior pela lucidez da sua inteligência, pela sua aplicação ao estudo e exemplar comportamento. Sacerdote modelar pela sua conduta irrepreensível, pela integridade do seu carácter, pela delicadeza do seu trato e, finalmente, pela sua abnegação e caridade».

P.<sup>o</sup> Jorge da C. Leiria, de Vila Real de Santo António: «A cujo talento privilegiado todos os algarvios rendem o mais sentido culto... Foi escolhido para nosso prelado um sacerdote tão exemplar como modesto, tão inteligente como caritativo, disciplinado e virtuoso».

Muito outros sacerdotes depuseram também, entre os quais é justo salientar o ilustre e erudito reitor do Liceu de Faro, Dr. Teixeira Guedes, um dos maiores latinistas do seu tempo e que compôs em latim e em grego inspirados poemas dedicados ao novo prelado e que foi o autor de essa obra prima da literatura latina sobre a sagração de D. Marcelino, e que ainda hoje se pode admirar nas lápides da capela-mór da Sé.

Também o ilustre poeta e escritor Dr. Rodrigues Davim, que Faro que tão bem conheceu, pôde afirmar: «As inequívocas provas do seu acendrado amor pela Religião, as notabilíssimas virtudes que exornam o seu carácter, as brilhantes qualidades do seu formosíssimo espírito e constantes manifestações do seu indefectível patriotismo impuseram-no à consideração de todos...».

O Sr. Dom Marcelino que, com Mons. Boto, foi um dos fundadores do Museu Lapidar de Faro, apreciava imenso e era um profundo conhecedor das obras de arte e dos monumentos históricos. Por isso, no dia anterior ao da sua sagração, convidou os prelados de Portalegre e de Viseu para um passeio às vetustas Ruínas do Milreu, ao

Jardim e Palácio de Estoi e, não querendo esquecer a sua querida cidade de Tavira, a Cidade Museu do Algarve e relicário das melhores obras de arte, levou-os até lá para poderem apreciar as belezas das igrejas do Carmo, S. Paulo, S. Tiago e St.<sup>a</sup> Maria.

A sua primeira Saudação Pastoral, dirigida à diocese, proferiu-a no próprio dia da sua sagração, tomando por tema as palavras do salmo 102, 2: «Benedic, anima mea, Domino et noli oblivisci omnes retributiones ejus», na qual repassava todo um frémito de temor perante o peso do episcopado, mas se espelhava a própria alma do prelado, no que ela continha de humildade e de zelo pelo salvação das almas e de profundo e incontido amor para com Deus, a Quem prestava toda a homenagem do seu ser, todo o afecto do seu coração, mas em Quem depositava também toda a esperança da sua vida.



*Visita pastoral a Albufeira*

## ● V — Peregrino do Algarve

E foi animado destes profundos sentimentos — lema admirável de uma vida admirável — que se lançou num apostolado esforçado e fecundo através da diocese, cujas freguesias percorreu várias vezes em visitas pastorais ou particulares. Logo em 15 de Agosto, visitava pastoralmente a Igreja Mãe da Diocese, seguindo-se no dia 22 do mesmo mês, a visita a S. Pedro de Faro. A primeira que fez às paróquias rurais foi a Ferragudo, terra de gente piscatória e profundamente religiosa, que ele tanto amava e que frequentava com relativa assiduidade, depois de ter fundado lá o Seminário de férias. Seguem-se mais visitas: a Paderne, no dia 1 de Janeiro de 1921, apenas acompanhado do seminarista José Luís Gomes Teixeira, (sempre a mesma humildade!); a Silves, no dia 30 de Junho; a Monchique, a 5 de Julho; a Lagoa, a 21; a Albufeira, a 10 de Outubro, etc., etc..

Para estas visitas utilizava os mais variados meios de transporte: comboio, trem, charrete, carro puxado por muares, cavalaria ou a pé e, raramente, o automóvel. Era mesmo o único prelado de Portugal que nunca possuiu carro próprio, que não tinha secretários particulares, nem fâmulos ou porteiros privados, chegando muitas vezes a ir pessoalmente abrir as portas do Paço — (do Paço? que ironia!!...), dessa casa modestíssima da Rua do Município, onde residia com os seminaristas, entregue à oração, ao estudo e ao trabalho de todas as horas (pois até era professor de várias disciplinas).

## ● VI — Mestre de Sacerdotes

Professor competentíssimo de Matemática e de Álgebra, de Literatura e de História da Literatura, de Liturgia e de Civilidade, de História Eclesiástica, de Exegese Bíblica, de Teologia Pastoral e de Dogmática Fundamental

Estes serviços, com a administração da diocese e do Seminário, não o impediam, contudo, de dispôr ainda de tempo para frequentar as catequeses e ensinar o catecismo às crianças, de presidir às reuniões das obras do

apostolado cristão e das Conferências de S. Vicente de Paulo, tão dinâmicas e activas no seu tempo.

Presidia à oração da manhã e da noite dos seminaristas, para quem celebrava diariamente a Eucaristia. Quando eles se levantavam às 6.30 e, às 7 horas, iam para a capela, com eles ia também o sr. D. Marcelino.

Só por doença ou por motivo de serviço fora de Faro, é que não comparecia. A luz do seu modesto quarto era sempre a última a apagar-se.

Comia das mesmas refeições dos seminaristas, às quais presidia muitas vezes, quando não estavam presentes os prefeitos.

Aqui, sim, é que reinava toda uma pobreza franciscana!...

Mas tão habituados estavam os seminaristas ao convívio permanente, à presença contínua do santo bispo que, quando ele não comparecia, todos se interrogavam, procurando saber o motivo da sua ausência! Encurtava todas as distâncias, confundindo-se às vezes com o mais modesto dos seminaristas. A tudo atendia, para que tudo resultasse eficientemente.

A sua actividade desdobrava-se afanosamente por todos os sectores da governação diocesana, descendo até a pequenos pormenores, como por exemplo: de saber se as roupas dos quartos dos hóspedes, as toalhas e talheres estavam em ordem, principalmente quando se aproximava a festa de Nossa Senhora de Lurdes.

O Senhor D. Marcelino vivia apaixonadamente os problemas do Seminário. Este era, de facto, a menina dos seus olhos. Formar sacerdotes em número e qualidade, para as exigências da diocese, era a sua maior preocupação.

Desejando que o povo cristão conhecesse melhor o dom sublime do sacerdócio, conferiu o sacramento da ordem, em várias terras do Algarve, por ocasião de grandes solenidades, principalmente durante as visitas pastorais.

Pode dizer-se que a sua vida foi toda passada no Seminário. Foi sempre um homem do Seminário. Desde que para lá entrou, nunca mais se separou dele.

Por isso tinha-o sempre no coração e nos lábios...

## ● VII — Devoto de Nossa Senhora

À festa de Nossa Senhora de Lurdes, que era a do apostolado cristão, acorriam representações de todas as freguesias, com os respectivos párocos. Para ela eram convidados, com tempo, os principais oradores sagrados de Portugal, os quais quer pela fama do seu nome, quer pelo brilho das suas exposições doutrinárias, atraíam à Sé pessoas de todas as condições sociais, enchendo-a literalmente.

Na sala das sessões do Cabido, procedia-se à leitura



*Peregrinação a Fátima*

dos relatórios das várias associações de piedade e de beneficência espalhadas pela diocese. O prelado a tudo assistia, apreciava e comentava os relatórios, dava a sua palavra de ordem para o ano futuro e, finalmente, presidia à sessão solene, a princípio realizada numa dependência da Sé e depois no Cinema de Santo António ou no Ginásio do Liceu.

A sua devoção a Nossa Senhora era profunda e sincera. Foi dos primeiros prelados portugueses a presidir oficialmente às peregrinações da sua diocese ao santuário de Fátima, organizadas então pelo saudoso P.<sup>o</sup> Francisco Jorge de Melo, pároco de Monchique e depois pelo

dinâmico e também saudoso P.<sup>o</sup> José Gomes da Encarnação, pároco de S. Pedro.

Quando a Imagem de Nossa Senhora de Fátima veio até ao Algarve, em 1947, acompanhou-a sempre, apesar da idade e da doença, como o mais devoto dos romeiros da Virgem Santíssima.

## ● VIII — Bispo Humilde

Homem de humildade profunda, tornou-se grande, precisamente pela admiração que todos tinham pelas suas acrisoladas virtudes! Por vezes aparecia sem algumas das insígnias episcopais e, quando se reunia com os outros bispos, procurava sempre o último lugar, embora houvesse outros mais novos. Se tinha de intervir, de falar, era sempre o último a fazê-lo, porque se julgava o mínimo de todos, apesar da sua vasta cultura, da facilidade com que assimilava e expunha e da sua muita experiência das coisas eclesiásticas.

Era tão grande e irresistivelmente atraente a sua humildade que o falecido Arcebispo de Évora, D. Manuel Trindade Salgueiro, sem dúvida um dos espíritos mais brilhantes deste século e um coração enamorado dos mais nobres ideais, pôde afirmar que a «humildade em D. Marcelino, prégava mais alto que todas as palavras» — que a «intimidade da sua vida resplandeceu na obscuridade voluntária»... e que foi precisamente a «simplicidade uma das notas dominantes dessa nobre figura de prelado»...

Eram não só as crianças, os pobres e os fiéis que se aproximavam dele com confiança, mas também os descrentes que se deixavam contagiar pelo seu porte austero, pela simplicidade da sua vida, pela sua fé irradiante, a tal ponto que, como afirmou aquele ilustre arcebispo, «a sua presença era sempre uma voz de eternidade». Uma vez, em Roma, por ocasião de uma visita *ad sacra limina*, bastou a sua presença numa igreja, em oração profunda diante do Santíssimo Sacramento, para fazer regressar à Casa do Pai uma ovelha tresmalhada, que dela se tinha afastado, havia já tantos anos, e que se deixara emaranhar nos complicados dédalos do mundo... Tornou-se depois um apóstolo do Rei de Amor!

Mas se era grande a sua humildade não era menor a sua bondade e foi, por meio dela que «conquistou o coração do seu povo» como escreveu o futuro cardeal D. Fernando Cento, então Nuncio Apostólico em Portugal.



*Visita ad sacra limina*

O Bispo dos humildes, apesar da magreza da mesa episcopal e dos minguados recursos do Seminário, distribuía ou mandava distribuir pelos necessitados avultadas esmolas e ninguém partia sem uma palavra de conforto e de esperança. Para muitos, sem emprego ou sem trabalho, mendigou uma colocação que lhes permitisse o sustento e da família, recomendando as suas pretensões.

Nunca alimentou ressentimentos para com o próximo, lastimava-se às vezes, discretamente, de qualquer facto menos digno, e um dia pôde confidenciar a alguém da sua intimidade: quero morrer com a consolação de não haver feito mal a pessoa alguma.

## ● IX — Bispo Místico

Era na oração, em colóquios íntimos com Deus, que D. Marcelino ia aurir a luz e as energias necessárias para a sua omnimoda actividade.

Era um místico na verdadeira acepção da palavra, mas «a sua piedade manifestava-se de uma maneira tão natural, tão humana que, não deixando de ser profundamente sobrenatural, criava-lhe uma doce auréola de san-



O saudoso D. Marcelino numa Procissão do Enterro do Senhor

tidade, envolvia-o de uma grande simpatia, de uma quase Paternidade».

O seu amor à Igreja nunca conheceu desfalecimentos nem limitações. Pôs ao seu serviço e à causa da Mensagem divina toda a sua primorosa inteligência, todo o seu ser. Serviu-a com dedicação e sem reticências, até ao fim da sua vida.

As pessoas e as coisas sagradas eram por ele tratadas sempre com amizade e profunda reverência. O seu amor e obediência ao Santo Padre eram inexcedíveis. Nunca lhe conheceram a mais pequena defecção neste particular.



*Bispo Místico*

Amar o Papa, era amar de igual maneira a Pessoa Adorável de Nosso Senhor Jesus Cristo, de Quem era Vigário e Chefe da Sua Igreja. Com que ternura falava do «doce Cristo na Terra»! Com que fidelidade cumpria e procurava fazer cumprir tudo quanto o Papa dissesse ou mandasse!

Nunca manifestou quaisquer reservas ao que vinha de Roma. Nunca contestou... Esteve sempre em comunhão total com a Cadeira de Pedro...

«Prelado na sua terra, não é vulgar.

O reconhecimento dos seus méritos, das suas virtudes elevaram-no à mais alta dignidade da Igreja no Algarve», assim se expressava o antigo e já falecido Governador Civil de Faro, Dr. Antero Cabral, o qual quis também dar público testemunho de quanto tinham sido amistosas e compreensivas as relações dos dois poderes: temporal e espiritual.

Foi sempre assim o sr. D. Marcelino: obediente e reverente para com as autoridades legitimamente constituí-

das, mas intransigente na defesa dos direitos da Igreja. Nunca levantou conflitos.

Era uma pessoa estruturalmente bem formada, medindo com rigor todas as distâncias, procurando para todos os problemas uma solução pacífica, exercendo o seu pontificado dentro dos limites da sua esfera de acção, sem intromissões desnecessárias e, até algumas vezes, prejudiciais ao bom ordenamento das coisas. Sabia dar a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus!

Também não consentia que poderes ou influências estranhas viessem sobrepor-se aos direitos da Igreja...

«Até o seu porte físico mais parecia uma nobre figura das tábuas de Nuno Gonçalves!...», como já tivemos ocasião de escrever.

As horas que passava nos confessionários, principalmente por ocasião das visitas pastorais, eram das mais gratas do seu ministério.

Como era edificante nesta faceta da sua vida!

## ● X — Bispo Sacrificado

Mas o Senhor D. Marcelino foi, sobretudo, um homem de sacrifício. Nunca albergou nem manifestou quaisquer ressentimentos ou proferiu uma palavra de revolta contra quem quer que fosse.

«Que sacrifícios não teve que fazer e a que privações se não sujeitou para manter o Seminário — a menina dos seus olhos —, cujos alunos eram quase todos pobres?!» A alguns até, além da alimentação, dava-lhes também o vestuário.

Mas se o Seminário desse tempo era pobríssimo e os seus recursos modestíssimos, nem por isso, ali, reinava a miséria aviltante e envergonhada. Havia, sim, pobreza, mas esta evangêlicamente suportada e, por mais inverosímil que pareça, não foram poucas as vocações que perseveraram e que chegaram ao fim, nesses já recuados tempos!...

Era a generosidade dos fiéis que inteiramente sustentava o Seminário. Até os professores nada recebiam pelo exercício do seu múnus e, contudo, foi possível sustentar mais de 70 pessoas. Foi tudo obra da Providência Infinita, que nunca faltou com o indispensável!

Só mais tarde é que algumas pessoas piedosas e sacerdotes dedicados legaram alguns imóveis que constituem, já hoje, um apreciável património, e tudo isto concedido pela muita veneração e estima que dedicavam ao Senhor D. Marcelino.

Ainda no seu pontificado foram entregues à Diocese todas as igrejas e capelas, com as suas alfaias, e que estavam ao culto; quase todas as residências paróquias não afectadas a serviços públicos e o Seminário do largo da Sé, edificios estes que o Governo, num gesto de inteira



*... Mesmo no sacrificio... um sorriso*

justiça e de manifesta colaboração, fez transferir para a posse da Igreja, sua legitima e incontestada proprietária.

A devolução à Igreja do Paço Episcopal, embora se concretizasse já no tempo do sr. D. Francisco Rendeiro, tinha sido contudo preparada e concebida pelo Sr. D. Marcelino. Se mais não fez foi porque mais não pôde. Os ventos nem sempre sopraram de feição!...

O principal ficou a dever-se à sua acção, à sua intransigente defesa das coisas da Igreja do Algarve.

Em 1964, quando a «Folha do Domingo», festejou o seu 50.<sup>o</sup> aniversário de existência, escrevemos para o número especial o artigo «A Veneranda Figura do Senhor D. Marcelino Franco, primeiro director deste jornal». Algumas pessoas amigas, concordando inteiramente com as afirmações ali feitas, sugeriram que o centenário do nascimento do saudoso prelado fosse devidamente comemorado e que se comesçasse a fazer a campanha da erecção de um monumento à sua memória. Como esta sugestão vinha ao encontro da ideia que alimentávamos já, ficámos radiantes e não deixámos de aplaudi-la. Mas, como concretizá-la, sem que houvesse uma entidade oficial a comandá-la e a responsabilizar-se pela sua execução?

Aguardámos os acontecimentos, à espera de oportunidade.

Passaram-se alguns anos, e em 5 de Dezembro de 1968, o Dr. Mário Lyster Franco, ilustre director do «Correio do Sul» e distinto jornalista, publicava naquele jornal o artigo «Um aniversário que passa e um centenário que se aproxima». Este belo artigo, porém, conforme, magoadamente, confessou o seu autor, não teve o acolhimento e eco merecidos, não abstando tratar-se da pessoa de um dos mais ilustres algarvios...

Infelizmente também nós não o léramos, pois se a tempo, tivéssemos tido conhecimento dele, ter-lhe-íamos dado todo o nosso apoio e incondicional concordância. Também desconhecíamos a proposta que, em sessão camarária, fez o dedicado vereador do Município de Tavira, professor José Joaquim Gonçalves, no sentido de que o centenário fosse comemorado e que esse Município se encarregasse de levantar um monumento à memória do ínclito tavirense. Isto passava-se também em Dezembro de 1968, e certamente não teria sido estranha ao professor José Joaquim Gonçalves a leitura do artigo do «Correio do Sul».

Como se aproximasse a data do centenário, resolvemos publicar em 20-9-1969, no jornal «Povo Algarvio», um artigo com o título «Um aniversário que nenhum algarvio pode esquecer» e no qual lançámos a ideia de se erigir o Monumento. Respondera-nos o Dr. Mário Lyster Franco que essa ideia já ele a tinha tornado pública com o artigo em referência.

É, pois, ao «Correio do Sul» que se deve a honra de

## ● XI — Exaltação

Honra e glória, pois, aos humildes de coração!

Foi isto precisamente o que aconteceu quando, em 3 de Dezembro de 1955, depois de uma vida totalmente consumida ao serviço da Igreja e da Pátria, este bispo modesto e simples entregava suavemente a sua alma a Deus.

Mal correu a notícia do infausto acontecimento, logo uma romaria de pessoas de todas as condições sociais compareceu na residência do falecido para apresentar pêsames, sufragar a sua alma e chorar uma lágrima de saudade e gratidão.

O seu funeral, um dos mais concorridos de todos os tempos, foi uma expressiva manifestação desses sentimentos. Quando o seu corpo franzino, alquebrado pe'lo peso dos anos e do trabalho, desceu à cripta da Sé, que ele tanto amava, o silêncio era profundo e as lágrimas corriam copiosamente!

O Senhor, que recompensa o copo de água dado em Seu nome, já o terá recompensado com a coroa da glória dos justos!

É em louvor deste homem humilde, místico e sacrificado que todo o Algarve, com a Câmara Municipal de Tavira à frente, lhe vai erguer um Monumento, o qual marcará para todo o sempre a nossa gratidão e constituirá um testemunho perene das virtudes e méritos do ínclito varão que em vida se chamou Marcelino António Maria Franco!

É a'inda à sua memória veneranda que estas pobres e descoloridas palavras foram, escritas por quem tanto lhe ficou a dever.

Bendito seja Deus nos seus Santos!

## ● XII — História do Monumento

Como todas as coisas, também este Monumento tem a sua história.

Por razões óbvias, e dada a índole deste pequeno trabalho, não a vamos fazer, aqui, em todos os seus pormenores. Aliás, ela conta-se em poucas palavras.

## **Atenção**

POR ERRO DE PAGINAÇÃO AS PÁGINAS 26 E 27  
SAIRAM TROCADAS. DEVE POIS, LER-SE PRIMEIRO  
A 27 E DEPOIS A 26.

ter ventilado, públicamente, a idéia do Monumento, logo seguido do «Povo Algarvio» com aquele nosso artigo.

Depois foram aparecendo no «Correio do Sul», ao longo de todo este tempo, vários artigos nossos como: «D. Marcelino Franco» — «Um aniversário que passa e um centenário que se aproxima» (2-10-969), «D. Marcelino Franco» — «O seu centenário de nascimento» (4-12-969) transcrito no jornal «A Voz», de Lisboa, «Interlúdio» (6-12-69), «Centenário do nascimento do Senhor D. Marcelino Franco» — Carta aberta ao Ex.<sup>mo</sup> Sr. Presidente da Câmara Municipal de Tavira (16-4-970), à qual o Sr. Dr. Jorge Augusto Correia respondeu em 3 de Maio do mesmo ano, para nos informar o que a Câmara tinha decidido fazer, em 1968, de harmonia com a proposta do professor José Joaquim Gonçalves, e que tinha recebido plenos poderes para proceder às diligências que julgasse necessárias, «D. Marcelino Franco vai ter um Monumento em Tavira» (21-5-970), de apoio ao artigo do sr. Dr. Mário Lyster Franco (14-5-970) com o título, «Regresso» (25-6-970), «Centenário de D. Marcelino Franco» em «Folha do Domingo» (22-12-970), «17 de Abril de 1971, Um Dia Grande para o Algarve», (27-9-70), em «Folha do Domingo».

Em 16-5-970 a «Folha do Domingo» publicava em artigo de fundo, da autoria do seu director Rev.<sup>o</sup> Padre Carlos do Nascimento Patrício «No Centenário do Nascimento do Sr. Dom Marcelino Franco», transcrito no jornal «Novidades», de Lisboa, em 22-do mesmo mês.

Em 20-3-71, escrevíamos no «Povo Algarvio» em «Carta Aberta à Cidade de Tavira», convidando a sua população a tomar parte nas comemorações centenárias.

Em 15 de Setembro de 1970, o Senhor D. Júlio Tavares Rebimbas, nosso venerando prelado, publicava em «Folha do Domingo uma breve Nota Pastoral sobre o Centenário de D. Marcelino e determinava que em todas as igrejas e capelas fossem promovidos ofertórios nas missas do dia 15 de Novembro desse ano, cujo produto seria destinado, integralmente à participação nas referidas celebrações, concretamente: — na construção da estátua e em actividades culturais e assistenciais.

Em Maio de 1970 foram nomeados pela Câmara Municipal de Tavira, da presidência do ilustre deputado da Nação, Dr. Jorge Augusto Correia, as Comissões de

Honra, Executiva e de Propaganda, as quais começaram logo a desenvolver intensa actividade.

O Sr. Architecto Gonçalo Davim Lyster Franco, da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, encarregou-se de elaborar o projecto do Monumento, proutitamente.

A senhora D. Branca de Alarcão, distinta escultora, autora de uma estatueta do Sr. D. Marcelino (para a qual posara durante vários dias e de que a estátua é uma cópia fiel), foi confiada a responsabilidade da sua execução, e ao sr. Eng.º António Rodrigues Pinelo, illustre director de Estradas do Distrito de Faro a sua orientação técnica, o qual também se ofereceu para se desempenhar da sua missão gratuitamente.

As fundações e plinto foram confiados ao empreiteiro Eduardo Pinto Viegas, da Bordeira, S. Bárbara de Nexse — Algarve.

Já antes da celebração do seu centenário, outras terras do Algarve tinham prestado justa homenagem ao Sr. Dr. Marcelino, quer por ocasião das suas Bodas de Prata Episcopais e das Bodas de Ouro Sacerdotais, quer dando o seu nome a algumas artérias e largos como: Tavira — Avenida do D. Marcelino Franco e placa na casa onde nasceu, Faro — Praça D. Marcelino Franco, etc..

Também o deputado da Nação, Dr. Jorge Augusto Correia, em Fevereiro do ano corrente, evocava na Assembleia Nacional a nobre figura de D. Marcelino, destacando a virtude da humildade como uma das que sublimaram o seu pontificado, e regozijava-se com o facto de Tavira e todo o Algarve lhe irem prestar pública homenagem por ocasião do centenário do seu nascimento e lhe erigirem uma estátua na sua terra natal.

A finalizar, acrescentemos que vários outros órgãos de informação da província se têm referido ao santo bispo com palavras de justo louvor e profunda saudade.



*Estátua de D. Marcelino  
da escultora D. Branca de Alarcão*

Composto e impresso  
na Tipografia União  
F A R O — 1 9 7 1

